

55

ROCHA PEIXOTO

(DEPOIMENTOS E MANUSCRITOS)

SELECÇÃO E NOTAS

de

FLÁVIO GONÇALVES

EDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL
DE MATOSINHOS

1966





ROCHA PEIXOTO
(DEPOIMENTOS E MANUSCRITOS)

ROCHA PEIXOTO

(DEPOIMENTOS E MANUSCRITOS)

SELECÇÃO E NOTAS
de
FLÁVIO GONÇALVES

EDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL
DE MATOSINHOS

1966

CMPV
BIBLIOT. MUN
Data 01.07.91
Num. 24594
Cota

8523

DEPOIMENTOS

Todas as notas precedidas do sinal (*) são da autoria do organizador deste volume. As notas numeradas pertencem aos próprios textos seleccionados e transcritos.

A. A. DA ROCHA PEIXOTO

por Joaquim de Araújo (*)

Dos moços do nosso tempo, é este, por seguro, um dos mais distintos e um dos mais estudiosos. Talento e *consciência*, como em pouca gente temos visto. Conhecêmo-lo, como um herói, lutando pela vida, com uma galhardia e com uma nobreza, que dominam —, pobre rapaz que se tornou o protector e o amparo de uma família, vencendo obstáculos, que de ordinário abatem grandes ânimos; e isto em meio à mais crassa atmosfera, que pode submergir uma vontade firme e decidida. Eram da sua roda João Barreira, Oliveira Alvarenga, Morais Rocha, — o incompreendido, cuja morte foi uma epopeia de horror, — todos reagindo, cada um de seu feitio, ao deprimente meio dinheiroso, que no Porto comprime as asas a quem lhes intenta desprender voo.

Com uma educação científica das mais cuidadas, e que só a si deve, pois que nem um curso regular lhe foi dado seguir, como preparação a um qualquer destino, soube evitar o escolho da política e o escolho do jornalismo, que, como é organizado em Portugal, mais serve para embotar do que para desenvolver. A nenhum desses dois factores deveu a nomeação de Bibliotecário-chefe, na

(*) Artigo publicado no *Archivo de «Ex-Libris» Portugêses*, vol. VII, n.º 83 (Génova, Outubro de 1908), pp. 155-158.

Biblioteca Municipal do Porto (*Archivo*, VI, 28, 84), (*), que, sob a sua direcção, é hoje um estabelecimento de primeira ordem, a competir com os melhores do estrangeiro. Conquistou-a pelo seu valor pessoal: — de intelectualidade e de carácter, como, já antes, por tais dotes, fora Bibliotecário do Ateneu Comercial do Porto (*Archivo*, V, 73) (**), cargo de que se desempenhou com maestria.

Fundou no Porto a Sociedade Carlos Ribeiro, cujo órgão foi a *Revista de Ciências Naturais e Sociais*; no último número dessa publicação existe um documento dos mais belos que temos lido: a crónica-história da agremiação referida. Revela um homem na acepção do vocábulo, e dá amostra de um escritor de raça. Neste capítulo, Rocha Peixoto é verdadeiramente admirável na precisão, na elegância, no estilo, em que consegue fundir as suas ideias; Antero de Quental nos dizia: «Este rapaz escreve prosa admiravelmente» (***) . É de ver, em demonstração do asserto, a linda página intitulada *O cruel e triste fado*.

À *Revista de Ciências Sociais* sucedeu a *Portugalia*, que Rocha Peixoto tem dirigido com Ricardo Severo, Fonseca Cardoso, José Fortes e outros homens de valia.

(*) [Joaquim de Araújo] — «Biblioteca Municipal do Porto», in *Archivo de «Ex-Libris» Portugêses*, vol. VI, n.º 63 (Génova, Fevereiro de 1907), p. 28; [Joaquim de Araújo] — «Notas e Aclarações», in *Archivo cit.*, vol. VI, n.º 66 (Génova, Maio de 1907), p. 84.

(**) J. Pereira de Sampaio (Bruno) — «Atheneu Commercial do Porto», in *Archivo de «Ex-Libris» Portugêses*, vol. V, n.º 54 (Génova, Maio de 1906), p. 73.

(***) Das relações entre Antero de Quental e Rocha Peixoto está publicada uma carta escrita pelo primeiro ao segundo, enviada de Ponta Delgada e datada de 30 de Junho de 1891 [*Vide*: — «Cartas de Antero de Quental», in *A Revista*, ano I, n.º 6 (Porto, 15 de Dezembro de 1903), pp. 101-102].

Essa publicação histórico-etnológica não tem rival em nenhum dos centros científicos da Europa; vale um baluarte, para nos defendermos do estrangeiro. A nacionalidade está ali assente como numa dessas rochas olímpicas, em torno às quais rugem oceanos, que têm de lhe quebrar as vagas sobre os flancos. Quase todos os homens valiosos do Portugal moderno inscreveram os seus nomes nesse monumental arquivo, glória da nação onde vê a luz. Há ali trabalhos por toda uma academia de doutos; e preciso é acentuá-lo, em boa e inabalável justiça. Para isso, escusamos de solicitar licença aos *maus-vizinhos-da-porta...*

Quiséramos enumerar as publicações de Rocha Peixoto, e, com outras informações, pedimos-lhe a lista delas. Eis o que nos respondeu o nosso velho amigo e companheiro; e, se somos inconfidente, publicando uma carta privada, estimamos não reservar para nós um documento, que honra quem o subscreveu:

«Precisamente numa separata de vulgarização, agora distribuída, indico as minhas publicações, *que adopto*, i. é., aquellas que, como informação ou material, podem ter qualquer interesse. Todas as outras estimára bem não as ter escrito. Só me contenta a lembrança de que são coisas de mocidade. Da *Revista de Sc. Nat. e Soc.*, órgão da *Soc. Carlos Ribeiro* (fundada em 1888, no Porto), não tenho um só fasc. disponível, nem, por igual, da separata da historia da mesma instituição.

A lista das publicações exhibida na 2.^a pag. da capa da *Noticia acerca das explorações archeologicas de Terroso*, é definitiva, e considero-a sufficiente, como informação bibliografica, summario das minhas humillimas produções.

Quanto á minha filiação e naturalidade, de que póde importar isso? Sou apenas filho dum humilde cirurgião miguelista e neto doutro, por igual miguelista. Meu pae foi do exercito, mas deixou o seu lugar de medico militar, depois da Convenção, ainda, aliás, muito novo, vindo acabar a sua longa existencia na Povoá de Varzim, (elle era dos Arcos de Val-de-Vês) como medico da Misericórdia local. Ahi nascêmos 12 filhos. E todos ficamos bem mal, depois da morte delle, dispersos por parentes, — mercê das intran-

sigencias de meu pae, o qual, nunca quiz, como os primos Rocha-Peixotos, da Ponte da Barca, adherir ao liberalismo. Já agora porei nomes. Meu pae chamava-se Antonio Luís da Rocha Peixoto. Minha mãe, que era de Villa do Conde e filha doutro intransigente miguelista, chamava-se D. Constança Amelia Pereira da Costa Flores e foi, como deve calcular, uma martyr de desgostos e difficuldades.

Eu, por mim, fui o penultimo filho, e nasci a 18 de maio de 1866. Metade dos meus irmãos morreram.

E aqui tem, pela primeira vês na minha vida, (vou fazer 43 annos) indicações de coisas intimas, que, aliás, repito, não podem interessar a ninguem senão a nós».

Quando saímos de Portugal, quis Rocha Peixoto que em sua companhia passássemos um dos últimos dias, em que nos era dado pisar a terra da pátria. Fez-nos a honra de nos receber em sua casa, em Matosinhos, e de nos apresentar a sua boa irmã —, dia que jamais esqueceremos, pela intensidade do affecto, com que fomos tratado, no mais amorável aconchego. É que para Rocha Peixoto os amigos não são *conhecimentos*, nem a amizade uma pagodeira de Maçãs de D. Maria. Vimos então a sua livraria, notável já, quer em quantidade, quer em qualidade. Para ela mandou fazer o notável escritor o *ex-libris* de carimbo, que acompanha esta singela homenagem a um homem de coração, que está bem nos casos de a compreender... Mais sincera e mais leal não a encontra decerto em torno a si.



EX-LIBRIS

ÍNDICE GERAL

	Págs.
<i>Prefácio</i> , por Flávio Gonçalves	7
<i>Principal bibliografia de Rocha Peixoto</i>	10

DEPOIMENTOS

<i>Era uma vez...</i> , por João Barreira	17
<i>A. A. da Rocha Peixoto</i> , por Joaquim de Araújo	25
<i>Rocha Peixoto</i> , por Augusto Nobre	29
<i>O Rocha Peixoto</i> , por Vasco Ortigão de Sampaio	42
<i>Rocha Peixoto</i> , por A. D. [Avelino Dantas?]	47
<i>Rocha Peixoto</i> , por João de Barros	52
<i>Rocha Peixoto</i> , por Manuel Monteiro	57
<i>Rocha Peixoto</i> , por M. Vieira Natividade	64
<i>Recordação</i> , por José Pinho	71
<i>A. A. da Rocha Peixoto</i> , por António dos Santos Rocha	75
<i>Rocha Peixoto</i> , por Luís de Magalhães	78
<i>Rocha Peixoto</i> , por Júlio Brandão	84
<i>Rocha Peixoto e Ricardo Severo</i> , por Joaquim Costa	90
<i>A Biblioteca Pública do Porto</i> , por J. Pereira de Sampaio (Bruno)	103
[<i>Rocha Peixoto</i>], por Correia Pacheco	109
<i>In Memoriam</i> , por Monsenhor J. Augusto Ferreira	115
<i>Rocha Peixoto</i> , por Pedro Vitorino	119
<i>Rocha Peixoto</i> , por Raul Brandão	123

MANUSCRITOS

<i>Duas cartas de Rocha Peixoto a Santos Rocha</i>	127
<i>Um projecto que Rocha Peixoto não chegou a realizar</i>	138
<i>Rocha Peixoto, coleccionador de arte</i>	152

ÍNDICE DAS ESTAMPAS

	Págs.
<i>Rocha Peixoto na adolescência e na juventude</i>	18-19
<i>Reprodução do rosto do vol. I da Revista de Ciências Naturais e Sociais</i>	23
<i>Ex-Libris de Rocha Peixoto</i>	28
<i>Rocha Peixoto por 1907</i>	34-35
<i>Rocha Peixoto de capote</i>	50-51
<i>Ex-Libris da revista Portugalia</i>	54
<i>Rocha Peixoto, suas irmãs e o Dr. Manuel Monteiro</i>	60-61
<i>Três milagres do Bom Jesus de Matosinhos</i>	70-71
<i>Desenho encontrado no espólio de Rocha Peixoto</i>	73
<i>Cataventos reproduzidos por Rocha Peixoto</i>	81
<i>Rocha Peixoto cerca de 1909</i>	86-87
<i>Reprodução da capa dos fascículos da Portugalia</i>	97
<i>Retrato de Rocha Peixoto feito por António Carneiro</i>	100-101
<i>Dois pratos da colecção Moreira Cabral</i>	110-111
<i>Reprodução das Instruções Regulamentares do antigo Museu Municipal do Porto</i>	114
<i>A casa de Rocha Peixoto em Matosinhos</i>	122-123
<i>Fac-símile de uma carta de Rocha Peixoto</i>	131
<i>Os participantes da expedição antropológica à Figueira da Foz (1898)</i>	134-135
<i>Fac-símile de uma carta de Rocha Peixoto</i>	137
<i>Reprodução do plano manuscrito do Dicionário Popular</i>	145
<i>Contador do século XVIII que pertenceu a Rocha Peixoto</i>	152-153

ACABOU DE SE IMPRIMIR NA EMPRESA INDUSTRIAL GRÁFICA DO PORTO, L.DA NO DIA 25 DE AGOSTO DE 1966



«maránus» - porto